

TECIDOS DO IMAGINÁRIO

Entrevista com os irmãos Grimm

Ricardo Ramos Filho*

Ser repórter da Literartes não é um trabalho fácil. Nem sempre a pauta facilita muito a vida do jornalista. Quando me incumbiram de entrevistar os irmãos Grimm, aproveitando o interesse despertado pelas comemorações do duplo centenário do lançamento dos *Contos da Criança e do Lar* (*Kinder und Hausmärchen*), com tiragem de 900 exemplares, fiquei um pouco perdido e sem saber o que fazer. Como iria falar com *Jacob* e *Wilhelm Grimm*?

Optei por uma solução mais científica. Afastei de cara o pó de pirlimpimpim, pois sou alérgico. Sempre tomo cuidado com substâncias estranhas, principalmente quando há necessidade de aspirá-las. A direção da redação propôs-me mágica, mas eu nunca fui de acreditar muito em bruxarias. Minha sorte foi ter lido *Viagem à aurora do mundo*, do *Érico Veríssimo*, e ter ficado muito amigo do *Prof. Fabricius*. Por meio de contato telefônico, acertei alguns detalhes e rapidamente aterrissei na *Vila do Destino*, em pleno laboratório. Estavam todos lá quando cheguei: *Calamar*, *Jó*, *Aristobulus*, *Colibri*, *Magnólia* e até mesmo o *Dagoberto*. Receberam-me com a simpatia de sempre. Tomamos as providências necessárias e, ao som de *Clair de Lune*, de *Debussy*, entrei na máquina do tempo. Em um piscar de olhos estava em uma sala em *Hanau*, no estado de *Hessen*. Como havia tomado o cuidado de fantasiar-me, conforme ditava a moda da época, e preferi levar meu caderninho de notas, e não o gravador, deixei de provocar susto aos irmãos quando eles entraram na sala. Estranharam um pouco o meu alemão, com palavras novas e ainda não usadas, mas conseguimos nos comunicar bem. Após as apresentações de praxe, quando, procurando ser agradável, informei ao *Jacob* que éramos quase gêmeos, já que também nasci em 4 de janeiro, passamos à entrevista que aqui reproduzo. Não

*Roteirista e escritor premiado, autor de livros de Literatura Infantil e Juvenil; mestrando na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa - Universidade de São Paulo.

LITERARTES

sem antes *Wilhelm* comentar que era um ano e um mês mais novo do que o irmão, já que *Jacob* nascera em 1785 e ele em 24 de fevereiro de 1786.

Os senhores são pesquisadores, participam do círculo intelectual de *Heidelberg*, são filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e da história do Direito alemão. Como fizeram para recolher todas as histórias que constam do livro que acabaram de publicar?

Jacob: Fomos diretamente à fonte. As lendas ou sagas germânicas ficaram conservadas na tradição oral...

Wilhelm: A memória popular é uma coisa extraordinária, encontramos as antigas narrativas quando fomos conversar com as pessoas do campo...

Jacob: A fantasia, o fantástico, o mítico, estava tudo lá!

Não podemos deixar de tocar nesse assunto, mas consta em alguns tablóides mais sensacionalistas que a camponesa *Katherina Wieckmann* e sua memória prodigiosa ajudou muito vocês. Até que ponto isso é verdade?

Wilhelm: Não há o que esconder. Realmente, ela nos forneceu muitos relatos importantes, ela lembrava de muita coisa, sua colaboração foi fundamental para o nosso trabalho.

Jacob: Somos muito gratos a ela.

Desde o início, vocês tinham ideia do que iriam encontrar?

Jacob: Não. No começo, tínhamos dois objetivos básicos. Queríamos levantar os elementos linguísticos para fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã...

Wilhelm: E tínhamos também a intenção de fixar os *textos do folclore literário germânico*, expressão autêntica do espírito da raça.

Jacob: Pois é, desde que lemos os manuscritos medievais do *Nibelungenlied*, a epopéia primitiva dos germânicos, que foram publicados em 1782 por *C. H. Müller*, ficamos interessados em valorizar esse passado recuado, essencial para a verdade da nossa raça.

Wilhelm: Há também uma intenção política, meio que de reação à invasão napoleônica...

Jacob: Nossa obra, pensamos, se insere dentro de um espírito nacionalista antifrancês e antiliberal que tenta anular a *europaização* da Alemanha.

Mas nos parece que os senhores ultrapassaram em muito essa intenção inicial. Há notícia do interesse em se traduzir a obra que escreveram no mundo todo, provavelmente outros povos farão levantamentos semelhantes. Vocês têm noção da importância do trabalho que fizeram?

LITERARTES

Jacob: Talvez sejamos mesmo modernos...

Wilhelm: Estamos perfeitamente integrados dentro das forças renovadoras de nossa época...

Jacob: Se por um lado cultivamos as tradições populares, por outro, temos também uma preocupação, que também é nova, com a criança.

Wilhelm: Por isso, suavizamos o rigor doutrinal e levamos em conta as exigências da mentalidade infantil.

Jacob: Se tudo isso é importante, então também somos.

Nas cerca de duas dezenas de narrativas que você fizeram, não há propriamente contos de fadas. Por quê?

Wilhelm: Preferimos trabalhar com contos de encantamento. Nossas histórias apresentam o elemento mágico e sobrenatural integrados naturalmente nas situações apresentadas.

Jacob: Trazemos também algumas fábulas e lendas ligadas ao princípio dos tempos ou da comunidade e, nas quais, o mágico ou o fantástico aparecem como “milagre” ligado a alguma divindade.

Wilhelm: E temos também contos de enigma ou de mistério e contos jocosos.

A estrutura narrativa predominante parece ser simples...

Jacob: Sim. Há apenas um *núcleo dramático* do qual dependem todos os episódios que compõe a intriga.

Wilhelm: “O Ganso de Ouro”, por exemplo, tem como núcleo dramático a necessidade de fazer rir a princesa e assim ganhá-la como esposa, conforme promessa do rei.

Jacob: É em função desse núcleo que os demais episódios se justificam.

O grande poeta Ezra Pound define a boa literatura como sendo a novidade que permanece novidade...

Jacob: Quem?

Wilhelm: Nunca ouvi falar!

É um escritor americano que ainda irá fazer muito sucesso...

Jacob: A definição dele de literatura é muito boa.

Wilhelm: Também acho...

Dentro desse conceito, vocês têm consciência de que são autores de uma obra-prima da Literatura Infantil Mundial?

LITERARTES

Jacob: Temos consciência de que construímos uma obra nova, sob este aspecto somos novidade.

Wilhelm: Quanto a permaneceremos só o tempo dirá.

Um grito trespassou agudamente o meu sonho. A música cessou de repente. Tombei no vácuo. Foi uma queda dolorosa. Que tinha acontecido?

De pé junto ao órgão, *Colibri* apontava para a máquina que agora se achava envolvida em fumaça. Agarrei minhas anotações. *Aristobulus* estava em silêncio. O misterioso livro que tanto me intrigava se achava agora abandonado a seu lado. Aproximei-me. Ia desvendar um mistério. Tomei do volume, abri-o com trêmulo cuidado e à luz do incêndio, li o título: *Reinações de Narizinho*, Monteiro Lobato.

Corri para a redação da Literartes, a matéria estava atrasada.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. São Paulo: Ed. Amarelly, 2010.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

VERÍSSIMO, Erico. **Viagem à aurora do mundo**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1960.